

**LENIN EM VIGOSTKI: DO ESPONTANEÍSMO INCONSCIENTE AO
DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA**

**LENIN EN VYGOSTKY: DEL ESPONTANEISMO INCONSCIENTE AL
DESARROLLO DE LA CONCIENCIA**

**LENIN IN VIGOSTKI: FROM THE UNCONSCIOUS SPONTANEISM TO
DEVELOPMENT OF CONSCIOUSNESS**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i2.37643>

Juberto Antonio Massud de Souza¹

Resumo: Apresentamos, neste artigo, um estudo teórico com o objetivo central de analisar os aportes teórico-metodológicos de Lenin (1870 - 1924) incorporados na produção de Lev Semionovich Vigotski (1896 - 1934). Para tal, consideramos os distintos momentos em que as teses leniniana gerais, e em particular, a crítica do espontaneísmo inconsciente, são incorporadas, como referências abertas ou indiretas, na obra vigotskiana. Concluímos, por fim, que no processo de estruturação teórica, e com uma multiplicidade de influências, a obra do principal revolucionário russo serve como um dos nucleadores fundamentais, ainda que não único, da teoria vigotskiana.

Palavras-chave: Psicologia Soviética. Vigotski. Lenin

Resumen: En este artículo, presentamos un estudio teórico con el objetivo central de analizar las contribuciones teórico-metodológicas de Lenin (1870 - 1924) incorporadas en la producción de Lev Semionovich Vygotsky (1896 - 1934). Con este fin, consideramos los diferentes momentos en que las tesis generales de Lenin, y en particular, la crítica del espontaneísmo inconsciente, se incorporan, como referencias abiertas o indirectas, en la obra vigotskyana. Finalmente, concluimos que en el proceso de estructuración teórica, y con una multiplicidad de influencias, el trabajo del principal revolucionario ruso sirve a uno de los núcleos fundamentales, aunque no el único, de la teoría de Vygotsky.

Palabras clave: Psicología soviética. Vygotsky. Lenin

Abstract: In this article, we present a theoretical study with the objective of analyzing Lenin's theoretical-methodological contributions (1870 - 1924) that were incorporated in the production of Lev Semionovich Vygotski (1896 - 1934). For this, we considered different moments in which general Lenin's theses, and in particular, his criticism of unconscious spontaneism, are incorporated, as open or indirect references in vigotskian work. We conclude, finally, that in the process of theoretical structuring, and with a multiplicity of influences, the work of the main Russian revolutionary serves as one of the fundamental core, although not the only one, of vigotskian theory.

Keywords: Soviet Psychology. Vygotski. Lenin

Introdução

Este artigo tem por objetivo o apontamento de uma das múltiplas influências que servem como nucleadoras estruturantes da teoria vigotskiana. Em particular, a apropriação de uma determinada relação, que se mostra na discussão da crítica ao espontaneísmo inconsciente, presente na principal figura da Revolução Russa, e que percorre as discussões psicológicas vigotskianas, e são objetivadas na reflexão entre a consciência e inconsciente a partir de suas influências leninianas. Situamos, dessa forma, Vigotski como autor que desponta como genuíno produto de seu tempo, já que “segundo a expressão de J. W.

Goethe, certas ideias amadurecem em determinadas épocas, como frutos que caem simultaneamente em diferentes pomares” (VIGOTSKI, 2004, p.5. Tradução nossa). O processo de maturação da teoria vigotskiana, com suas problemáticas concretas, se desenvolve no período pós-Revolução Russa de 1917, que se mostra como determinação do movimento real que incide no desenvolvimento e na sistematização teórica na psicologia vigotskiana. Sem ela, Vigotski jamais poderia ter desenvolvido a direção no sentido que tomou sua teoria. Não por acaso, Shuare (2016) defende que: “a psicologia soviética começa com a revolução” (p.31). Se tomarmos como fundamento que o movimento ideal se mostra sempre como reconstrução do movimento do real, podemos apreender nos escritos de Vigotski múltiplas determinações que mostram a particularidade do momento em que viveu, assim como a direção que tomava a sua construção teórica no momento de sua prematura morte.

Não é de se estranhar que a relação entre a consciência e o inconsciente foi utilizado pelos autores marxistas russos contemporâneos de Vigotski, não por diletantismo teórico, mas por necessidades práticas. Não por acaso, os marxistas estiveram no centro desta discussão. Basta lembrarmos que Georgi Plekhanov (1856 – 1918), iniciador do marxismo na Rússia no século XIX e responsável pelas primeiras traduções de Marx e Engels em russo, disse:

Enfim, além dos proletários semiconscientes e inconscientes, temos também entre nós um número de “intelectuais” que, é claro, pensam que são plenamente conscientes, mas que, na realidade, se deixam arrastar *inconscientemente* por todas as tendências da moda e que hoje (“todas as épocas reacionárias são subjetivas”, dizia Goethe) se sentem muito inclinados ao misticismo de todos os tipos (PLEJANOV, 1967, p.27-28. Tradução nossa).

Nikolai Bukharin (1888- 1938), Secretário-Geral da Internacional Comunista (*Comintern*), em seu **Tratado de materialismo histórico** de 1921, disse: “numa sociedade desorganizada, como aliás em toda a sociedade, os acontecimentos se realizam não apesar, mas pela vontade dos homens. Mas aqui o homem é dominado por uma força inconsciente que é um produto das vontades particulares” (s/d, p.39). Anatoli Lunatchárski (1875 - 1933), Comissário do Povo para Educação (*Narkompros*), em seu conhecido texto **Teses sobre as tarefas da crítica marxista**, de 1928, afirma: “O crítico marxista deve se esforçar para descobrir a tendência social fundamental em uma obra dada, o que ela visa ou proporciona, de maneira deliberada ou inconsciente” (2018, p.146). Leon Trótski (1879 - 1940), menchevique até as portas da revolução, diz em seu **Literatura e revolução** de 1923: “A natureza do homem esconde-se nos recônditos mais obscuros do inconsciente. [...] A espécie humana, que parou de rastejar diante de Deus, do czar e do capital, deveria capitular diante das leis obscuras da hereditariedade e da cega seleção sexual?” (TROTSKI, 2007, p. 195). Ou mesmo Josef Stálin (1878 - 1953), quando faz análise do **Manifesto do Partido Comunista** de Marx e Engels, afirma que a:

especificidade da produção consiste em que o aparecimento das novas forças produtivas e das novas relações de produção que lhes correspondem não decorre à margem do velho regime, depois do seu desaparecimento, mas no interior do antigo sistema, não como resultado da acção premeditada, consciente, das pessoas, mas de modo espontâneo, inconsciente, independente da sua vontade (1945, s/p).

De qualquer forma, a crítica ao espontaneísmo inconsciente é uma discussão marcada pelos marxistas da geração em que Vigostki viveu e que marcaram sua produção. Não decorre de uma genialidade teórica individual, mas de produto de um tempo em que a necessidade histórica impunha essa discussão. No que concerne à especificidade deste artigo, utilizamos Vladimir Ilich Ulianov, Lenin, figura incontestemente mais importante da Revolução Russa, para compreender a multiplicidade de momentos da construção teórica de Vigostki, e para buscar em seus escritos as influências que se mostram ora de forma aberta ora encoberta nos seus escritos.

A discussão do inconsciente na teoria de vigotskiana

Como estruturador de nosso texto, tomaremos a categoria inconsciente para tentar compreender como a retomada de Lenin pode nos auxiliar a compreender a trilha desvelada por Vigostki. Importante notarmos que, em alguns textos, ainda faz-se valer da categoria do subconsciente. Para tal, consideramos a afirmação de Blanck (2003) que afirma: “Vigostki trata os vocábulos “subconsciente” (*podsozñatielnoie*) e “inconsciente” (*bezozñatielnoie*) como sinônimos; por isso, o leitor que tentar discriminá-los estará fazendo um esforço inútil” (p.28).

Sabendo disso, compreendemos que existem variadas afirmações em diferentes momentos da teoria vigotskiana relacionadas ao inconsciente. Existe um processo de mudança conceitual, que implica a superação de momentos anteriores, com respectiva ampliação da discussão desta categoria. É dessa forma que vemos as principais afirmações de Vigostki sobre o inconsciente: como momentos distintos da sua totalidade teórica, que aqui separamos com objetivo puramente pedagógico. Temos em sua teoria, pelo menos quatro momentos essenciais sobre o entendimento do inconsciente, que refletem as diferentes preocupações de cada instante.

Em seu primeiro escrito substancial sobre psicologia, **Psicologia pedagógica**, com as aulas que havia dado na Escola de Formação de Professores de Gomel e escrito em 1924, mas publicado em 1926, afirma que “a consciência representa apenas uma pequena parte de toda nossa experiência psíquica [*psijicheski*], pois existe todo o enorme mundo do inconsciente” (VIGOTSKI, 2003, p.39. Destaques no original). Ainda carrega uma forte discussão reflexológica, o que se manifesta no próprio entendimento do inconsciente: “Entre as características distintivas dos reflexos devemos destacar, em primeiro lugar, o fato de que são uma ação de resposta a qualquer excitação; em segundo, que são automáticos, involuntários e inconscientes” (VIGOTSKI, 2003, p.50). Mas, o livro termina com uma citação do já mencionado livro **Literatura e revolução**.

O segundo momento da discussão do inconsciente em Vigostki tem, em **Psicologia da arte**, a sua tese de doutoramento de 1925, uma discussão sobre a relação do efeito catártico da arte e seu momento inconsciente. Nele afirma que: “Não é necessária uma perspicácia psicológica especial para perceber que as causas mais imediatas do efeito artístico estão ocultas no inconsciente, e que só penetrando nesse campo conseguiremos estudar de perto os problemas da arte” (VIGOTSKI, 1999a,

p.81). Neste livro, afirmou importante tese quando diz que: “[...] o inconsciente não está separado da consciência por alguma muralha intransponível” (VIGOTSKI, 1999a, p.82). Em **Princípios da educação social de crianças surdo-mudas**, de 1925, que retoma discussão no interior da *defectologia*, trataria da discussão do comportamento inconsciente ser sinônimo de imitação reflexa: “Na instituição pré-escolar se começa desde os dois anos a conversação da criança. A leitura sintética de palavras completas, frases, nomes, ordens e a imitação reflexa, inconsciente, da linguagem oral são os dois métodos básicos” (VIGOTSKI, 2012c, p.119. Tradução nossa).

Em **O significado histórico da crise na psicologia**, em sua discussão sobre o desenvolvimento da ciência psicológica a partir de novas bases teórico-metodológicas, afirma que:

[...] não significa de modo algum que os marxistas não devam estudar o inconsciente pelo mero fato de que as principais concepções de Freud contradizem o materialismo dialético. Pelo contrário, precisamente porque a psicanálise estuda seu objeto com base em meios impróprios, é necessário conquistá-la para o marxismo, estudá-la empregando os meios da verdadeira metodologia (VIGOTSKI, 1999b, p.265).

Por isso é que: “para resolver psicologicamente problema do inconsciente é necessário formulá-lo como problema da própria psicologia” (VIGOTSKI, 1999b, p.272). Este substancial texto analítico de Vigotski marca a incorporação e aplicação da dialética como método de análise das múltiplas determinações do movimento do real. É um dos momentos de parte de sua fratura parcial com a reflexologia.

Mas, tão logo se apropriava de diferentes discussões, também alargava a concepção para o entendimento do inconsciente. Se era necessário considerar o inconsciente como parte constituinte da psicologia, em seu terceiro momento, em **A psique, a consciência e o inconsciente**, chegaria a um avanço importante em sua discussão. Com isso, colocaria a centralidade da discussão na potencialidade das relações entre consciência-inconsciente, afinal: “em psicologia é completamente lícito falar do psicologicamente consciente e inconsciente: o inconsciente é potencialmente consciente” (VIGOTSKI, 1999b, p.156). A discussão daquilo que se mostra como potencialidade não aparece como mero acaso. A *Ética de Spinoza*, livro que tem importância para Vigotski, traz a discussão da *potência da razão*.

No momento final de sua teoria, em **Pensamento e linguagem**, volta a tratar do inconsciente, mas agora como particularidade de sua manifestação na linguagem, incorporando parte de discussões de Frédéric Paulhan, que em seu livro **La double fonction du langage** afirma: “Assim, constantemente a linguagem parece ter, em diversas gradações, que depende da ocasião, do estilo escolhido, dos procedimentos utilizados, assim como das intenções conscientes ou inconscientes de quem o utiliza, uma dupla função, um duplo efeito” (Paulhan, 1929, p.64. Tradução nossa). Neste momento, Vigotski afirmou: “[...] a criança domina certas habilidades no campo da linguagem mas não sabe que as domina. Essas operações são inconscientes” (VIGOTSKI, 2010, p.320). Dito isto, nos limitamos aqui a reconstruir alguns vestígios de Lenin que nos ajudem a interpretar parte da base com que Vigotski fundamentou sua teoria.

Lenin em Vigotski

Lenin, principal bolchevique, ao longo de sua vida escreveu inúmeros textos que ajudaram a direcionar a interpretação da realidade russa com a finalidade de sua transformação radical. Com isso, utilizou do estudo sistematizado de diversos autores de diferentes áreas para a confrontação teórica, culminando com a criação de uma teoria revolucionária, já que “sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário” (LENIN, 1986a, p.96-97). As bases de sua interpretação da realidade russa estão alicerçadas em densas avaliações que tratam de diversificados assuntos. A análise concreta da situação concreta foi o núcleo duro das críticas que Lenin produziu durante sua vida. A influência da teoria leniniana é central de temas abordados por Vigotski, em que podemos classificar nos seguintes eixos: a) a consciência como produto do cérebro e responsável pela atividade reflexionada da realidade; b) a linguagem como generalizadora da consciência; c) o materialismo, como gênese do conhecimento da realidade pelo homem. Sabendo disso, interessa-nos aqui, especificamente, a discussão leniniana respectiva ao espontaneísmo inconsciente, para compreender os elementos de sua teoria que existem subsídios para a compreensão do inconsciente a partir do materialismo histórico-dialético. A tese que aqui defendemos é a de que o inconsciente, como sinônimo de espontâneo, perpassa toda a obra de Lenin, e esta conceituação é central para Vigotski.

Em 1902, Lenin escreve **Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento**. Neste texto é tratada a relação existente entre consciência, atividade e inconsciente. Lenin deixa claro que para desenvolver a consciência mais avançada era necessário: “actuar energeticamente contra a dispersão e as vacilações do movimento prático, denunciando e refutando qualquer tentativa de rebaixar, consciente ou inconscientemente, nosso programa e nossa tática” (LENIN, 1986a, p.93-94).

Para a transformação radical da sociedade russa era necessário desenvolver uma prática revolucionária. Mas, para tal, dever-se-ia ir além do impulso espontâneo das massas. Mas como? Era necessário desenvolver, para os trabalhadores, uma teoria que direcionasse sua atividade. Por isso, afirma que: “até agora ninguém ainda duvidara de que a força do movimento contemporâneo consistisse no despertar das massas [...], e sua debilidade na falta de consciência e de espírito de iniciativa dos dirigentes revolucionários” (LENIN, 1986a, p.99-100). Mas, essa falta de consciência, que se manifestava em uma atividade inconsciente, carregava o germe para a potencialização da própria consciência. Assim, fazendo uma análise dos movimentos de massa russos do final do século XIX, afirma que:

[...] no fundo, o “elemento espontâneo” não é mais do que *a forma embrionária* do consciente. [...] mas os operários não tinham, nem podiam ter, a consciência da oposição irreconciliável entre os seus interesses e todo o regime político e social existente, isto é, não tinham consciência social-democrata. [...] Esta só podia ser introduzida de fora. (LENIN, 1986a, p.100-101).

Lenin entraria na discussão de que a consciência mais avançada, aquela que deveria ser considerada a mais desenvolvida, não poderia ter sido alcançada pelos próprios operários, mas deveria vir de uma camada que instruisse os operários a ampliar a sua consciência. Sempre valorizou o papel da ampliação de consciência para evitar os erros práticos na atividade do movimento dos trabalhadores. Faz,

dessa forma, uma defesa intransigente da necessidade de orientar a atividade para não recair nos problemas da espontaneidade inconsciente das massas. Afinal: “[...] tudo o que seja inclinar-se perante a espontaneidade do movimento operário, tudo o que seja diminuir o papel do “elemento consciente” [...] significa [...] fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários”. (LENIN, 1986a, p.106). Lenin considerava, então, o inconsciente como sinônimo de espontaneísmo. Pois, como dissera: “o instintivo é exatamente o inconsciente (o espontâneo)” (LENIN, 1986a, p.110). Assim, o inconsciente se mostrava como polo oposto da própria atividade consciente e, portanto, deveria ser superado.

Em 1907, Lenin escreve **Materialismo e Empiriocriticismo: notas críticas sobre uma filosofia reacionária**. Mais uma vez, o inconsciente é considerado como sendo algo espontâneo. Aquilo que aparece como não sistematizado e difuso, sem uma organização coerente que explique a relação entre a multiplicidade de elementos contrapostos da realidade. Utilizaremos seus exemplos para afirmar nossa tese de que o inconsciente, no materialismo histórico-dialético, tem como característica principal a espontaneidade.

É nesse sentido que afirma que: “o “realismo ingênuo” [...], [parte do] ponto de vista espontâneo e inconscientemente materialista em que está situada a humanidade, ao admitir a existência do mundo externo de forma independente de nossa consciência” (LENIN, s/d, p.57. Tradução nossa.). O próprio Vigotski se apropria da expressão espontaneísta no materialismo para fazer uma crítica a psicologia: “A ciência natural, qual com essa definição a psicologia quer se parecer, é pela sua própria natureza e graças a sua não falseada essência sempre *espontaneamente materialista*”. (VIGOTSKI, 1999b, p.331)

Em seu debate com o materialismo ainda não desenvolvido, aquele que não reconhecia a dialética como método de compreensão das multiplicidades de contrários da realidade, considera que: “a nova física oscila de forma inconsciente e espontânea entre o materialismo dialético, que segue ignorado pelos sábios burgueses [...]” (LENIN, s/d, p.273. Tradução nossa.). A crítica que faz, também, ao naturalismo que predominava nas ciências filosóficas da Rússia o leva a considerá-las como espontaneístas e inconscientes por partirem de um materialismo mecanicista. Por isso:

Todo o machismo [doutrina de Ernst Mach] *combate* do princípio até o fim a “metafísica” das Ciências Naturais, nome que se aplica ao *materialismo das Ciências Naturais*, ou seja, à convicção espontânea, não reconhecida, difusa, filosoficamente inconsciente, que a grande maioria dos naturalistas sustentam, no sentido de que o mundo exterior refletido por nossa consciência é a realidade objetiva” (LENIN, s/d, p.362. Destaques no original. Tradução nossa.)

Todas as utilizações do termo inconsciente, neste livro, se referem a aquilo que não é arbitrário, tampouco tem caráter de organização sistematizada da realidade. O espontaneísmo continua sendo o principal adjetivo pelo qual caracteriza aquilo que é inconsciente. Não nos surpreende que Vigotski tenha bebido na fonte de Lenin. É por isto que afirma que:

Todos os psicólogos estão de acordo com que as ciências da natureza, assim como toda a práxis humana, naturalmente não resolvem a questão relativa à essência da matéria e do espírito, mas aceitam partir de um determinado pressuposto: concretamente da premissa da realidade, de que esta existe objetiva e regularmente fora de nós e é

cognoscível. E isto é, como afirmou várias vezes V. I. Lenin, a própria essência do materialismo (VIGOTSKI, 1999b, p. 331).

Partindo do pressuposto leniniano de que a realidade existe independente das pessoas, é que Vigotski fundamenta sua compreensão metodológica sobre o caráter primário da existência da matéria em relação à consciência. Para não restar dúvidas, basta pegarmos as palavras literais de Lenin, que nos diz:

E isto é precisamente o materialismo: a matéria, atuando em nossos órgãos dos sentidos, despertando a sensação. A sensação depende do cérebro, dos nervos da retina etc., quer dizer, da matéria organizada de determinada maneira. A existência da matéria não depende da sensação. A matéria é o primário. A sensação, o pensamento, a consciência são o produto superior da matéria organizada de uma forma especial. Tais são os pontos de vista do materialismo em geral e de Marx e Engels em particular (LENIN, s/d, p.51 Destaques no original. Tradução nossa.).

A concordância e aceitação da leitura de Lenin das obras de Marx e Engels se mostram como nexos determinantes que constituem e potencializam a compreensão da materialidade e do primado do real sobre o psíquico para o processo de desenvolvimento da consciência humana. É neste sentido que Vigotski nos disse que:

Basta que *apliquemos ao sujeito-objeto psicológico* a fórmula gnosiológica materialista apresentada por V. I. Lênin (análoga em G. V. Plékhanov) para que possamos ver o que ocorre: “(...) a *única* ‘propriedade’ da matéria, em cujo conhecimento está relacionado filosoficamente o materialismo, é a propriedade de *ser uma realidade objetiva*, de existir fora de nossa consciência” (LÊNIN, **Obras Completas**, t.18, p.275) (VIGOTSKI, 1999b, p. 383. Destaques no original).

Este escrito de Lenin é o que contém uma das maiores polêmicas da discussão da consciência no interior do materialismo histórico-dialético. A teoria do reflexo, defendida por Lenin, foi interpretada por muitos como sendo mecânica, por considerar a consciência como um reflexo da realidade. Literalmente, afirma que: “[...] a existência do que é refletido, independentemente do que se reflete (a independência do mundo exterior com relação à consciência), é a premissa fundamental do materialismo” (LENIN, s/d, p.124. Tradução nossa.). Explicando de forma mais detalhada a oposição entre o materialismo e o idealismo, assim como as suas diferentes posições na relação existente entre o sujeito que conhece o objeto e a própria realidade, diria:

A diferença fundamental entre o materialista e o adepto da filosofia idealista é que o primeiro considera a sensação, a percepção, a representação e, em geral, a consciência do homem, como uma imagem da realidade objetiva. O universo é o movimento dessa realidade objetiva, refletida por nossa consciência. Ao movimento das representações, das percepções etc., corresponde o movimento da matéria que é exterior a mim. O conceito de matéria não expressa outra coisa que não seja a realidade objetiva que nos é dada na sensação. Por isso, separar o movimento da matéria é algo equivalente a separar o pensamento da realidade objetiva, separar minhas sensações do mundo exterior, isto é, passar para o idealismo (LENIN, s/d, p.278 Tradução nossa.).

A tendência à consideração do primado da realidade, que existe na leitura de Lenin sobre o materialismo de Marx e Engels, é seguida por Vigotski no desenvolvimento de suas premissas estruturantes da psicologia. Quando relembra que: “Lenin escrevia aos construtores de Deus que os diferenciava pouco dos que buscavam de Deus: em geral o que importa é aceitar ou rejeitar o diabólico, porque entre aceitar um diabo azul ou amarelo há muito pouca diferença” (VIGOTSKI, 1999b, p. 379). O

que Lenin afirma é que pouco importam as gradações que marcam a diferenciação entre idealistas, que não fundo tem mais semelhanças do que distinções. Por isso, literalmente, diz que uma discussão entre idealistas:

do ponto de vista dos materialistas, será uma discussão entre um que crê no diabo amarelo e outro que crê no diabo verde. Porque o importante não é o que distingue Bogdánov dos outros machistas [de Ernst Mach], mas o que se tem em comum entre eles: a interpretação idealista da “*experiência*” e da “*energia*”, a negação da realidade objetiva [...] (LENIN, s/d, p.284. Destaques no original. Tradução nossa.)

Ainda que a teoria da consciência de Lenin, explicada em 1907, seja baseada em uma explicação da consciência como reflexo da realidade seja o centro da discussão de *Materialismo e Empiriocriticismo*, este texto, apesar de sua importância fundamental no interior de seus escritos, não pode ser considerado de forma apartada da totalidade de seus aportes, que implicam necessariamente a sua posição diante das problemáticas histórico-concretas da Revolução Russa. Consideramos importante que sua leitura deva ser conjugada com outro texto fundamental para a discussão da consciência, assim como para o alargamento da relação entre a realidade, que é primária, e aquela imagem que se faz dela. Este método de compreensão da teoria da consciência em Lenin foi seguido pelo próprio Vigotski, que não caiu na armadilha de considerar os escritos de forma fragmentária, mas como um momento na unidade que constrói do pensamento de Lenin.

Em 1914, em seu exílio em Berna, na Suíça, enquanto começava a 1ª Guerra Mundial, com a Rússia czarista levando grande parte de sua população para as trincheiras da guerra, Lenin, com vistas a entender a complexa relação entre os diferentes elementos que compõe a realidade, vai a uma biblioteca para estudar Hegel, cujo escrito ficou conhecido como **Cadernos sobre a dialética de Hegel**, livro citado por Vigotski. Seus cadernos de estudos contêm anotações com comentários da Lógica de Hegel. Afirma que:

Diz-se que a razão tem seus limites. “Esta afirmação contém a inconsciência do fato de que, precisamente ao determinar-se qualquer coisa como limitada, vai-se além deste limite”.

[...] Tudo o que é humano salta para além dos seus limites (instinto, dor etc.), mas a razão, imaginem, “não deveria poder ultrapassar os seus limites”!

“Fique claro, porém, que nem toda superação de limites é uma verdadeira libertação em relação a eles”! (LENIN, 2011, p. 113).

Com relação a este manuscrito de estudos de Lenin, Vigotski se apropriou de suas ideias motrizes e incorporou como teses no interior de sua teoria da consciência. A relação existente entre linguagem e consciência, que serve como corolário de parte de suas discussões, é feita a partir deste texto de Lenin. Para tal, Vigotski nos diz que: “no plano filogenético, do qual V. I. Lenin falou, a linguagem, ao que parece, desempenhou um papel decisivo na consolidação na consciência humana das figuras lógicas que foram repetidas milionésimas vezes na prática humana” (VIGOTSKI, 2012b, p.162. Tradução nossa.). A leitura deste texto de Lenin subsidia Vigotski para uma série de discussões que faria no decorrer de seus diferentes escritos. Sobre a relação entre aquilo que ainda não se tem consciência, e o papel abstrativo no processo de desenvolvimento da linguagem apreendida, nos diz:

[...] me parece admirável a observação de V. I. Lenin sobre Hegel, quando diz que o mais simples fato de generalização encerra uma convicção a respeito do mundo exterior, do que ainda não temos plena consciência. Quando realizamos a generalização mais simples, não temos a consciência das coisas como se existissem individualmente, mas numa conexão regular, subordinadas a uma determinada lei (VIGOTSKI, 1999b, p. 122).

Ainda sobre os estudos de Hegel, fez a discussão sobre pensamento e linguagem, assim como o papel de generalização que serve como sua função: “A relação do pensamento com a linguagem (a língua chinesa, entre outras, o fato de que ela não tenha se desenvolvido: a formação dos substantivos e dos verbos) [...]. Em alemão, as palavras por vezes têm “sentidos opostos” (não apenas diferentes, mas opostos) [...]” (LENIN, 2011, p. 100).

Vemos que a discussão entre a oposição entre consciência e inconsciência, no materialismo histórico-dialético, não é uma particularidade da psicologia vigotskiana. É uma questão anterior à própria existência de Vigotski e que se coloca como necessidade de compreensão de determinado período histórico. Por isso, não nos espanta uma importante afirmação de Vigotski que diz: “[...] o inconsciente não está separado da consciência por alguma muralha intransponível” (1999a, p.82). Se retornarmos a obra leniniana, o principal mediador entre a obra marxiana na Revolução Russa, encontraremos a seguinte afirmação em **Sobre o direito das nações à autodeterminação**, de 1914: “[...] estas épocas não estão separadas uma da outra por uma muralha, antes estão ligadas por numerosos elos de transição, e os diversos países distinguem-se além disso pela rapidez do desenvolvimento nacional, pela composição nacional da população, pela sua distribuição, etc.” (LENIN, 1986a, p. 516). Ainda, em **Imperialismo, fase superior do capitalismo**, afirma que: “A ideologia imperialista penetra mesmo no seio da classe operária, que não está separada das outras classes por uma muralha da China” (LENIN, 1986a, p. 657).

Essas duas citações de Lenin, nos levam a uma analogia da qual Vigotski faz-se valer para a explicação da relação existente entre a consciência e o inconsciente. É claro que Lenin e Vigotski não estão tratando sobre o mesmo assunto, mas se nota que por trás da analogia vigotskiana, existe uma referência encoberta de Lenin. Se podemos falar de uma teoria materialista histórico-dialética de inconsciente na obra vigotskiana, precisamos, necessariamente, apontar a inegável influência de Lenin em seus escritos. Longe de ser apenas um dos vários autores que utiliza para a compreensão de mundo da realidade, é um dos pilares fundamentais de sua obra. Sem teoria leniniana de consciência-inconsciência, não existe teoria vigotskiana de consciente-inconsciente.

Interessante notarmos que a caracterização de que o inconsciente é sinônimo de espontâneo, que se mostra como núcleo central da teoria leniniana do inconsciente, é ainda tomada no momento final da teoria vigotskiana, quando em seu *Pensamento e Linguagem* afirma que:

Em termos funcionais, essa falta de consciência do próprio pensamento se manifesta em um fato fundamental, que caracteriza a lógica do pensamento infantil: a criança descobre a capacidade para toda uma série de operações lógicas quando estas surgem do fluxo espontâneo do seu próprio pensamento, mas é incapaz de executar operações absolutamente análogas quando se exige que elas seja executadas não de maneira espontânea, mas arbitrária e intencional. [...] Desse modo, por via puramente empírica se estabelece a dependência ou o vínculo entre esses dois fenômenos do pensamento

infantil, a não-consciência de tal vínculo e a não-arbitrariedade, a compreensão inconsciente e a aplicação espontânea (VIGOTSKI, 2010, p.273-274).

A tese da espontaneidade inconsciente defendida por Lenin percorre toda a obra de Vigotski, de diferentes maneiras. Como núcleo principiológico, ela fundamenta as críticas que Vigotski faz ao inconsciente de Piaget e de Freud. É ela, também, que serve de base para que o entendimento de que:

A consciência e a intenção também orientam desde o início a linguagem escrita da criança. Os signos da linguagem escrita e o seu emprego são assimilados pela criança de modo consciente e arbitrário, ao contrário do emprego e da assimilação inconsciente de todo o aspecto sonoro da fala. A escrita leva a criança a agir de modo mais intelectual (VIGOTSKI, 2010, p.318).

O que é claro é que na complexa processualidade da relação consciência-inconsciente existe um mediador que potencializa a transformação de um polo em seu contrário. Por isso, afirma que: “[...] a criança domina certas habilidades no campo da linguagem mas não sabe que as domina. Essas operações são inconscientes” (VIGOTSKI, 2010, p.320).

Se for verdade que existe uma instituição na qual as normas são perpassadas através das relações intersicológicas, antes que elas se interiorizem e se transformem em relações intrapsicológicas sistematizadas e organizadas, ela tem que ser explicada de alguma forma. Em Vigotski, o responsável por fazer o salto qualitativo para a compreensão e sistematização das formas de entendimento da realidade mais elevadas é o professor, servindo como elo mediador no qual a criança aprende os conceitos científicos, que servem de base para o desenvolvimento de generalizações mais abrangentes. É por isso que afirma que:

[...] na escola a criança aprende, particularmente, graças a escrita e a gramática, a tornar consciência do que se faz e operar voluntariamente com as suas próprias habilidades. Suas próprias habilidades se transferem do plano inconsciente e automático para o plano voluntário, intencional e consciente (VIGOTSKI, 2010, p.321).

A discussão da relação entre a possibilidade da educação ter como função a apropriação da realidade de forma consciente, deixando aquilo que é espontâneo e inconsciente em segundo plano, também se mostra em Lenin. Sua discussão sobre a importância dos Sovietes, enquanto expressão consciente se mostra quando afirma que: “[...] o Soviete de deputados operários [...] expressa directamente a consciência e a vontade da maioria dos operários e camponeses”. (LENIN, 1986b, p.18). Assim, os Sovietes são instrumentos mediadores que potencializam e elevam a processualidade do desenvolvimento da consciência por seu caráter pedagógico. Por isso afirma que:

Os Sovietes são um novo aparelho de Estado que, em primeiro lugar, proporciona [...] uma forma de organização da vanguarda, isto é, da parte mais consciente, mais enérgica, mais avançada das classes *oprimidas*, dos operários e dos camponeses, sendo deste modo um aparelho mediante o qual a vanguarda das classes oprimidas pode elevar, educar, instruir e guiar *toda a gigantesca massa* destas classes, que até então estava completamente fora da vida política, fora da história” (LENIN, 1986b, p.340).

Dissecando a afirmação de Lenin, conseguimos compreender que depois de interiorizar os princípios de Marx, eleva a discussão para o plano político, tal como Vigotski eleva no plano da psicologia. Vemos aqui uma discussão sobre a mediação da educação para a possibilidade de elevação da consciência,

enquanto um instrumento que potencializa o desenvolvimento consciente com o objetivo de deixar o elemento espontaneísta e inconsciente em segundo plano. Toda a teoria vigostkiana está impregnada das afirmações de Lenin. O que se mostra em Lenin como possibilidade para a educação em um período de crise pré-revolucionária, dadas na criação de um duplo poder instrumentalizado pelos Sovietes; em Vigotski, no período pós-revolucionário, se mostra como possibilidade de reconstrução de uma sociedade que terminara os períodos de revolução burguesa, no mês de fevereiro, e socialista, em outubro, e passara pelo período da guerra civil de 1917-1921.

Vigotski afirma que: “Como vimos, inconsciência significa ausência de generalização, ou melhor, atraso no desenvolvimento do sistema de relações de generalidade. Deste modo, espontaneidade e não consciência do conceito, espontaneidade e ausência de sistema são sinônimos” (VIGOTSKI, 2010, p.384). A discussão da generalização enquanto forma mais elevada do desenvolvimento da consciência é, também, parte da discussão de Lenin, já que:

[...] a mais simples generalização, a primeira e mais simples formação de conceitos (juízos, silogismos etc.) denota o conhecimento progressivamente mais profundo, pelo homem, da conexão universal objetiva. É aqui que se deve procurar o sentido verdadeiro, a significação e o papel da lógica de Hegel” (LENIN, 2011, p.156-157).

Não por acaso, nas últimas conferências de Vigotski, anotadas por Leontiev e publicadas com o título de **Problemas da consciência**, entre 1933-1934, afirmou que:

Comunicação e generalização. A faceta interna da ação mediada pode ser descoberta na dupla papel do signo: 1) Comunicação e 2) generalização. Porque: toda a comunicação exige generalização.

É cabível a comunicação imediata, mas a mediada é comunicação por signos; aí, a generalização é indispensável (“Toda a Palavra (fala) já generalizada”) (VI Lenin. *Obras Completas*, t. 29, p.246) (VIGOTSKI, 1999b, p.189. Destaque no original).

A tese de que toda palavra é uma generalização, que se mostra como central no desenvolvimento da parte final de seus escritos, é tomada da leitura que Lenin faz de Hegel. O inconsciente, que possui um elemento espontaneísta, como adjetivo utilizado no decorrer das discussões de Lenin, é utilizado como forma de caracterização dos princípios que dominam a explicação da relação opositora entre consciente-inconsciente em Vigotski.

Considerações Finais

Defendemos, com isso, que parte das teses gerais que Vigotski defendeu, e em particular a de que a ascensão do espontaneísmo inconsciente no processo de elevação da consciência, não se deve a alguma genialidade de sua figura, mas a um processo histórico que fez com que incorporasse na sua construção teórica debates forjados pelas figuras de destaque de sua época. Isto mostra a amplitude do processo revolucionário russo em todas as áreas científicas particulares, assim como o enraizamento do pensamento de seu principal dirigente.

A importância estruturante das teses leninianas são fundamentais para o aprofundamento na teoria de Vigotski, já que as referências utilizadas, de forma aberta ou encoberta, são variadas, e se

mostram como determinações históricas concretas incorporadas no desenvolvimento de seus estudos. Não por acaso, a tese segundo qual o inconsciente como sinônimo de espontâneo, não sistematizado e difuso, como polo oposto a arbitrariedade e intencionalidade da consciência, perpassa toda a obra de Lenin, e é apropriada por Vigotski, no decorrer de toda a sua obra. Sem Lenin e a revolução russa não conseguimos compreender a teoria de Vigotski. Ambas fazem parte de uma unidade inquebrantável e indissolúvel de determinado momento histórico que não se repete. A utilização mecânica da psicologia vigotskiana, em países que não conheceram processos revolucionários é estéril, assim como a negação da determinação de Lenin na constituição das premissas do pensamento psicológico pós-revolucionário, do qual Vigotski é *apenas* uma das expressões. O movimento do real, ou seja, a Revolução Russa, e seus dirigentes, determinam todo o direcionamento da teoria de Vigotski.

Se, com a morte prematura e a incompletude de sua obra, alguns traços ecléticos ficaram evidenciados ou se, ao contrário, existe uma coerência interna em sua obra, assuntos estes de intensas polêmicas na história da psicologia soviética, e que se desdobrou para os seus intérpretes ocidentais, são assuntos que este artigo não pretendeu adentrar. No entanto, a polêmica histórica que ainda não foi respondida: como foi possível a recuperação revisionista da obra vigotskiana nos países centrais do capitalismo, incluindo os Estados Unidos da América e parte da Europa, apesar de sua influência de Lenin?

Referências:

- BLACK, Guillermo. **Prefácio** in VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BUKHARIN, N. **Tratado de materialismo histórico**. Centro do Livro Luso Brasileiro, s/d.
- LENIN, V. I. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.
- LENIN, V. I. **Materialismo y empiriocriticismo**. Notas críticas sobre una filosofía reaccionaria. Moscou: Editora Progreso, s/t.
- LENINE, V. I. **Obras escolhidas. 1.** 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986a.
- LENINE, V. I. **Obras escolhidas. 2.** 3. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986b.
- LUNATCHÁRSKI, Anatoli. **Teses sobre as tarefas da crítica marxista**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- PAULHAN, Fr. **La double fonction du langage**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1929. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113258m.r=paulhan?rk=171674;4>
- PLEJANOV, Jorge. **Materialismo militante**. México: Editorial Grijalbo, 1967.
- SHUARE, Martha. **A psicologia soviética: meu olhar**. São Paulo: Terracota, 2016.
- STÁLIN, Josef. **Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>
- TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 2010.

- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas - I.** Madrid: Ant Machado Libros, 2012a.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas - IV.** Madrid: Ant Machado Libros, 2012b.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas - V.** Madrid: Ant Machado Libros, 2012c.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999a.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1999b.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria de las emociones.** Madrid: Edicionaes Akal, 2004.

Notas

¹ Doutorando em Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Vinculado ao projeto de pesquisa Histórias da Psicologia no Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4726908403155701>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7099-574X>. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Recebido em: 30.06.2020

Aprovado em: 01.10.2020